Napoleão no Kremlin

José da Silva Mendes Leal

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Napoleão no Kremlin

José da Silva Mendes Leal

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

NAPOLEÃO

NO KREMLIN

POR

J. DA S. MENDES LEAL

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

26, Travessa da Parreirinha, 26

1865

AO PRINCIPE DA LYRA

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Philósopho, poeta, obreiro do futuro,
Qual és, benigno acceita o canto que murmuro,
Ante as urnas da historia, á minha solidão,
Da tua ethérea luz á sombra estende a mão!

Sic fata voluerunt.

I

Era a collina sancta, e em volta a gran-cidade!

Revolvera o cabeço uma audaz tempestade
De granito e de bronze, arremeçando aos ceus
Por ondas bastioens, por vagas coruchéus!
Era nova Babel, soberba e formidavel;
Tudo o que é oppressor; tudo o que é implacavel;
Das impostas pendendo os anneis dos grilhoens;
Sétteiras nos jardins; nos eirados canhoens;
Cem vigias de pedra em cada miradoiro;
Ao rez grades de ferro; em cima tectos d'oiro;
Uma pompa violenta, uma anciosa mansão,
Que dirieis romper da bocca d'um vulcão!

A espaços, coroando a tétrica cerviz
D'um torreão firmado em rudes alcantis,
Metalico zimborio esplende ao astro esquivo,
Como o élmo que aperta a fronte de um captivo.
Emmaranham-se á vista arcadas e quarteis,
E os grossos revelins, e os rendados maineis.
A um tempo Europa e Asia, opprobrio e maravilhas;
N'um reducto um bazar; as áras nas bastilhas;
Abrolhando o recinto um selvoso espessor
De agudos campanis--e no todo o terror!

Era a suspeita armada, eterna sentinella,

Por dentro Pantheon, por fóra cidadella!
Era, ao dubio alvorar que precede a manhan,
O poema d'Igôr em torno á cruz d'Ivan;
Revolta construcção d'um Encélado novo;
Garra adunca e brutal sobre o peito d'um povo;
Funesta allegoria, affronta da razão,
Que intenta dizer: gloria! e diz: escravidão!
Era a ameaça feroz na túrbida grandeza;
Templo, ergástulo, paço, erario, e fortaleza!
Era o alcaçar do Norte, o seu sanctuario, emfim
A acrópole augural do Scytha--era o Kremlin!

II

No mais alto mirante um vulto grave e mudo,
Todo nevoas o ceu, na terra immovel tudo,
Contempla vagamente as vagas solidoens.
De força e de grandeza inda não satisfeito,
Aspira o espaço e a noite--a dextra sobre o peito
Como para conter a furia das paixoens.

A metrópole immensa, adormecida ou morta,
O immenso pedestal, que rendido o supporta,
As planuras que ao longe ondulam como um mar,
As hostes, os tropheus, a conquista, os portentos,
Nada d'isto ja vê; taes são seus pensamentos,
Tam alta a mente foi, tam fundo é seu scismar.

Quem é elle? O que faz? D'onde vem? Com que fito?

Incansavel obreiro interroga o infinito;
Paz não tem; lei não quer; vai, vai; não conta os sóes;
E se instantes parou, quando a fortuna o prova,
É para meditar alguma audacia nova,
Na attitude que toca aos Numes e aos heróes!

D'onde vem? Attentae. Correi; segui-lhe o rasto.
Nunca sulco mais fundo em terreno mais vasto!
Manda: o Occidente afflue.--Que estrugir! Que avançar!
Que longo! Que voraz! Que enorme! Que terrivel!
Esta chamma? Hontem era um castello invencivel.
Esta cinza? Era ha pouco arrogante solar.

O facho precursor alonga um ermo aberto.
Investe a legião, defende-se o deserto.
D'Átilla a grande sombra, ao ver os capitaens
Violar da patria selva os não cursados trilhos,
Pensativa procura, afastando seus filhos,
Um tumulo que sirva aos filhos dos Titaens

Quem é? O homem-cratéra; emblema, sphinge, arcano; Tanto como um propheta, e mais que um soberano. Um dia o viu reinar mal outro o viu surgir. Sam-lhe os povos degraus; o imperio foi-lhe ensaio; Na larga fronte um Deus; nos olhos d'aguia um raio; Pelas trevas se entranha, e elabora o porvir.

De Karl, o Invicto, o Magno, o Imperador espectro,
Tomou nas fortes mãos o gladio, o globo, o sceptro;
Co'a tunica viril das desprendidas greys
Tam amplo manto fez, que esconde, dilatado,

D'um lado os Pyrenéus, os Alpes d'outro lado,
E nas sobras talhou dez purpuras de reis.

Quem é? Seu grande nome o espanto e o ardor espalha,
Como o som d'um clarim n'um dia de batalha.
Ha muito o Austro o acclama. Hoje o Septemtrião
Atérrito o escutou no horror de Borodino...
A Historia escreverá: «chamava-se o Destino!»
Á voz dos seus canhoens troou: «Napoleão!»

No humilhado frontal das basilicas nuas
Levantam-se-lhe aos pés, velando, as aguias suas,
As aguias triumphaes, as aguias d'Austerlitz.
Volve acaso o semblante. Olhou. Mira a victoria
Nos amados pendoens, que inflamma tanta gloria,
E o coração trasborda, e rompe o verbo, e diz:

III

--«Eis-me. Cheguei. Mais fúlgido
Meu astro se alevanta:
No coração do Tártaro
Encosto o ferro e a planta.

Eis-me. O leão da Córsega
Emfim vos empolgou,
Ó capital das cúpulas,
Ó torres de Moskow!

Eu sou o Ajax authentico,

A authentica epopéa,
Aurora apoz crepusculo,
Espada feita idea.

Fadou-me Arcóle e Rívoli
Marengo, e Lodi, e as mais;
Rompi d'um canto homerico
Em dias immortaes.

O mesmo sou, que os seculos,
De tanto ousar pasmados,
No cimo das pyramides
Mostrei aos meus soldados.

Fiz n'essa terra, symbolo
De olympicos avós,
Estremecer nos tumulos
Os velhos Pharaós;

N'essa, ao potente estrépito
Do arrojo e das victorias,
Cubri co'as palmas ínclitas
As maximas memorias;

N'essa, mysterio pávido
Onde o passado rue,
N'essa, de assombros pródiga,
Maior assombro eu fui.

Era Alexandre o prólogo.
Tentou-me. Em cem combates

Arremessei, seu émulo,
O Nilo sobre o Euphrates.

No turbilhão phantástico
Dos rapidos corseis,
Ardentes vi cercárem-me
Os esquadroens dos Beys;

Vi mais--ceára horrifica
De alfanges e trabucos!--
Os marciaes Janizaros,
Os feros Mamelukos;

E a densa turba innúmera,
Ao breve aceno meu,
Sombra tornada, súbito
Ás sombras se volveu.

No pó de heroicas épochas
Ficaram meus vestigios;
A par das lendas bíblicas
Tracei novos prodigios.

Aos vãos chegou do Libano
Meu bellico trovão,
E do Thabor aos pincaros,
E ás margens do Jordão.

Sobre os dispersos idolos
Meus batalhoens marcharam;
De feito a feito alçândo-se,

Ovantes acamparam

De Thebas entre os pórticos,
Em Memphis sem rival...
Fêz-se ás gigânteas fabulas
A minha historia egual.

E o proseguir esplendido
Da triumphal carreira,
Quando a meus pés atónita
Prostrei a Europa inteira!

Quando, as cohortes férvidas
Dispondo a meu sabor,
Ao fim de um dia tragico
De universal terror,

Em vindo a erguer-se o Véspero,
Surgia da metralha
Nas mãos trazendo, incólume,
Um reino e uma batalha!

Meu curso meteórico
Não pára; a lucta é van:
Succedem-se fatidicas
Iêna, Eylau, Wagram.

Sou vencedor, sou árbitro
Aos curvos hemispherios;
«Surgi» ordeno, e surgem-me,
Quaes os desejo, imperios.

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com